

ESTIMATIVA DA PREVALÊNCIA DE POLIOMIELITE PARALÍTICA EM GOIÁS, NO PERÍODO DE 1969 a 1976. PESQUISA DE SEQUÊLAS EM ESCOLARES DE 6 A 11 ANOS. 2º SEMESTRE DE 1980.

*Sydney Schmidt **, *Helena Maria de Jesus ***, *Fuad Calil ****, *Maria Hermínia M. S. Domingues *****

RESUMO

Para avaliar o impacto da vacinação em massa contra a poliomielite, iniciada em 1980, era imprescindível conhecer a sua ocorrência nos anos anteriores. Contudo, os dados oficiais referentes aos anos 1970/75 publicados pela FIBGE e os admitidos pela FSESP eram conflitantes. Para esclarecer a divergência fez-se uma pesquisa das seqüelas de poliomielite, em escolares entre 6 e 11 anos agrupados em 3 faixas etárias: dos nascidos entre 1973/74, 1971/72 e 1969/70. Em Goiás, o levantamento dos escolares foi realizado por enfermeiras, abrangendo 85% da população e 70% da área total do Estado. Foram examinados 202.110 escolares: 131.832 de 6 a 11 anos, com 246 portadores de seqüelas (29 de 6 a 7, 74 de 7 a 8 e 143 de 10 a 11 anos) e 70.278 acima de 11 anos, com 106 portadores de seqüelas. Expandindo-se os valores observados entre 6 e 11 anos, estimou-se a ocorrência de 1.542 casos, a média das prevalências de 7,2/100.000, uma prevalência de seqüelas de 1,82/1000 e uma incidência de 2,85/1000. No mesmo período, de 1969 a 1976, foram notificados, oficialmente, 1.390 casos, da área de estudo com uma prevalência média de 6,49/100.000. Constatou-se que 1.213 casos notificados (87,27%) estiveram internados no Hospital Osvaldo Cruz de Goiânia. Os valores encontrados sugerem uma consistência dos dados oficiais, contudo, confrontando-se, nominalmente, os escolares com seqüelas com a lista de internações hospitalar, verificou-se que somente 56 (22,76%) dos escolares observados estiveram internados no Hospital Osvaldo Cruz. A explicação para tal divergência seria a de que houve uma subnotificação de quase 4 vezes, isto é, ao invés de 1.390 seriam 5.330 casos e a média das prevalências 24,9/100.000.

* Prof. do Depto. Medicina Tropical do IPTSP. UFG.

** Enfermeira Sanitarista da Sec. Saúde de Goiás.

*** Mestre em Estatística. Prof. Adjunto do IPTSP. UFG.

**** Dra. em Psicol. Educação. Profa. Adjunta da Fac. Educação. UFG.

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

UNITERMOS: Paralisia Infantil. Pesquisa de seqüelas.

I. INTRODUÇÃO

O número de casos de poliomielite, no Brasil, era um retrato impreciso e confuso da real situação da doença. Os dados disponíveis, referentes ao período 1970/1975, publicados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) que notificou 70.325 casos ou 14.065/ano e pela Fundação Serviço de Saúde Pública (FSESP) com 8.591 casos ou 1.718/ano, eram conflitantes.

Em 1980, o Ministério da Saúde programou uma Campanha Nacional de Vacinação e, para avaliar o impacto de tal medida, foi proposta uma Pesquisa Postal, nos mesmos moldes da realizada por OFOSU-AMAAH e col. (3) baseada em um delineamento usado por NICHOLA e cols. (2), em Gana, na África, em 1973. Esses autores utilizaram-se dos professores das escolas de 1º Grau para o levantamento das seqüelas de poliomielite em seus alunos, o que propiciou estimar índices de até 90% maiores que os oficialmente relatados.

A idéia de se utilizar a mesma metodologia, no Brasil, foi sugerida pelo Prof. Sabin, que, no entanto, admitia "não existir, naturalmente, nenhuma base para se presumir que as taxas encontradas em Gana, poderiam ou não ocorrerem no Brasil. . ." (5). Tal sugestão foi aceita, mas em Goiás os resultados preliminares não foram

considerados adequados, optando-se, então, pelo envolvimento de enfermeiras, na procura e identificação de seqüelas, objetivando estimar a incidência da Poliomielite em crianças nascidas entre 1969 e 1974, isto é, entre 6 e 11 anos na data da pesquisa e confrontar estes resultados com os dados oficiais já publicados.

II. MATERIAL E MÉTODOS

a) Área de estudo

A área compreendeu 19 microrregiões administrativas de saúde, abrangendo 185 municípios, 449.800 km² de extensão, 70% da área do Estado, 3.280.889 habitantes (85% da população do Estado), densidade demográfica média de 7,2 h/km², variando entre 7,72 h/km², em Goiânia, e 1,96 h/km² no município de Dianópolis, segundo o censo demográfico do FIBGE, 1980. (Tabela 1).

b) População de estudo

A obtenção de dados retrospectivos da ocorrência de Pólio entre 1969 e 1976, implicava no exame de alunos com idades entre 6 e 11 anos, porque, no Brasil, aproximadamente 90% dos casos ocorriam antes dos 5 anos de idade (4 e 5).

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

TABELA 1 - Componentes geográficos-administrativos, demográfico, amostrais e de ensino, segundo valores nominais e freqüências, integrantes da pesquisa de seqüelas de Paralisia Infantil em escolares das faixas etárias de 6 a 7 anos, 8 a 9 e 10 a 11 anos, do Estado de Goiás, em Junho de 1980.

MICRORREGIÕES	Densidade Demográfica h/km ²	População Geral		Municípios		Escolas		6 a 7 anos		8 a 9 anos		10 a 11 anos		Total		Razão Amostras Examinadas / Amostras Estudadas		
		Municípios	Total	Exist.	Invest.	Exist.	Invest.	Subpopul.	Amostr.	Examin.	Subpopul.	Amostr.	Examin.	Subpopul.	Amostr.		Examin.	
																		Amostr.
1. Goiânia	771,00	717.566	21	9	297	121	39.538	7.907	7.039	37.528	7.505	12.481	38.461	7.692	11.044	23.104	30.562	1,32
1.1. Metropolitana	66,38	222.355	-	-	-	45	12.417	2.483	1.479	11.786	2.357	1.734	12.079	2.415	1.714	7.255	4.927	0,68
2. Entorno/DF	6,78	189.116	6	6	248	14	10.420	2.084	1.353	9.890	1.978	2.310	10.136	2.027	2.276	6.089	5.939	0,97
3. Anápolis	23,91	304.696	13	8	452	18	16.788	3.357	1.114	15.935	3.187	1.838	16.331	3.266	2.293	9.810	5.245	0,53
4. Ceres	14,68	187.319	12	11	459	25	10.321	2.064	2.011	9.796	1.959	3.026	10.040	2.008	2.909	6.031	7.946	1,32
5. Morrinhos	8,45	113.776	9	9	352	39	6.268	1.253	1.968	5.949	1.189	3.776	6.097	1.219	3.682	3.661	9.426	2,57
6. Itumbara	11,12	137.510	8	8	223	27	7.576	1.515	1.472	7.191	1.438	2.868	7.370	1.474	2.734	4.427	7.074	1,60
7. Canálio	7,04	63.833	9	5	156	14	3.517	703	861	3.338	667	1.695	3.421	684	1.751	2.054	4.307	2,10
8. Pires do Rio	6,14	61.694	6	5	168	19	3.399	679	838	3.226	665	1.675	3.306	661	1.618	1.985	4.131	2,08
9. Goiás	6,81	197.003	14	11	461	26	10.854	2.170	1.990	10.303	2.060	4.646	10.559	2.111	4.456	6.341	11.092	1,75
10. Iporá	4,52	85.537	14	11	202	32	4.713	942	1.329	4.473	894	2.907	4.584	916	2.978	2.732	7.214	2,62
11. S.L.M.Belas	10,11	121.899	10	7	268	10	6.716	1.343	574	6.375	1.275	1.206	6.533	1.306	1.139	3.294	2.919	0,74
12. Uruaçu	3,25	145.543	7	3	322	10	8.019	1.603	601	7.611	1.522	971	7.801	1.560	964	4.685	2.536	0,55
13. Porangatu	3,97	128.971	14	4	209	12	7.106	1.421	430	6.745	1.349	1.008	6.912	1.382	1.133	4.152	2.571	0,62
14. Juaí	2,69	140.798	10	6	202	15	7.757	1.551	993	7.363	1.472	1.929	7.546	1.509	1.777	4.532	4.699	1,04
15. Rio Verde	8,40	174.318	8	8	268	28	9.604	1.920	2.697	9.116	1.823	3.782	9.343	1.868	3.767	5.611	10.246	1,83
16. Campos Belos	2,15	69.780	7	6	184	09	3.844	768	455	3.649	729	1.173	3.740	748	1.280	2.245	2.908	1,29
17. Alto Paraíso	2,46	77.213	12	8	188	13	4.254	850	735	4.038	807	1.280	4.138	827	1.166	2.484	3.181	1,28
18. Dianópolis	1,96	54.342	6	4	145	10	2.994	598	569	2.842	568	791	2.912	582	799	1.748	2.159	1,23
19. Gurupi	2,38	84.630	5	4	146	10	4.663	932	562	4.426	885	1.053	4.536	907	1.133	2.724	2.748	1,01
TOTAL	7,29	3.280.889	185	133	5.262	497	180.768	36.143	29.070	171.580	34.309	52.149	175.845	35.162	50.613	105.614	131.830	1,25

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

O número de escolas de 1º Grau, na área, era de 5.272, das quais 1.487 na Zona Urbana (28,24%) e 3.788 na Zona Rural (71,96%) com média de 40 alunos/escola rural e 425/escola urbana. O número total de alunos matriculados era de 784.631, sendo 632.595 na área urbana (80,62%) e 152.036 na rural (19,38%), conforme dados da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, 1980.

As crianças foram agrupadas nas faixas etárias de 6 a 7, 8 a 9 e 10 a 11 anos, e correspondiam, respectivamente, a 180.768 (5,50%), 171.580 (5,26%) e 175.845 (5,36%), perfazendo 528.193 crianças (16,12%) das quais deveriam ser examinadas 105.632 (20,00%).

c) Delineamento do projeto

Definidos os objetivos, foram dimensionadas as amostras específicas levando-se em conta as populações das microrregiões geográfico-administrativas, as subpopulações, o número de estabelecimentos de ensino e de escolares alvos. Estabeleceu-se, também, "a priori" e com base no tamanho da amostra teórica, o erro teórico. As probabilidades p e q foram estimadas com informações externas (Hospital Osvaldo Cruz e notificações de casos da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás). Após a pesquisa, calculou-se o erro amostral mais provável.

A partir dos percentuais amostrais estimados por microrregião, foram expandidos os valores observados, chamados parciais totais que, por sua vez, sofreram nova expansão ao serem divididos por 0,631 *. (Tabela 2).

O delineamento apresentou características bem próximas de um teste por conglomerado (6).

d) Equipes de pesquisa de campo:

Foram preparados e treinados grupos de pesquisadores constituídos por 10 enfermeiras, para a identificação de seqüelas motoras de diferentes patologias, dando-se ênfase às de poliomielite. Durante a divulgação da 1ª Fase da Campanha Nacional de Vacinação contra a poliomielite pesquisariam, concomitantemente, as seqüelas dentre os escolares observando-lhes a postura e a marcha, atrofia e encurtamento de membros, comparando, quando necessário, o diâmetro das panturrilhas e dos bíceps, de um lado e do outro anotando a presença de cicatrizes e de feridas. Os grupos foram testados "a priori", em alguns municípios para se aferir o grau de coerência e qualidade do diagnóstico.

e) Definição de seqüelas:

Toda paralisia flácida, assimétrica, permanente, com abolição dos re-

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

TABELA 2 - Componentes geográfico-administrativos, subpopulações, amostras, freqüências observadas, expansões e prevalências segundo a pesquisa de seqüelas de Paralisia Infantil em escolares da faixa etária de 06 a 11 anos, do Estado de Goiás, em Junho de 1980.

MICROR- REGIÕES	6 a 11 anos						
	Sub- popul.	Amos- trag.	Casos Observ.	êi	Ê2	Pr%	Incid. %
1. Goiânia	115.527	30.564	56	0,0493	308,20	1,68	2,67
1.1 Metropolitana	36.282	4.927	20	0,1230	229,15	3,98	6,32
2. Entorno do DF	30.446	5.939	5	0,1120	45,30	0,94	1,49
3. Anápolis	49.054	5.245	9	0,1190	141,82	1,82	2,89
4. Ceres	30.157	7.946	11	0,0970	65,16	1,36	2,16
5. Morrinhos	18.314	9.426	13	0,890	35,81	1,23	1,96
6. Itumbiara	22.137	7.074	20	0,1024	96,20	2,74	4,35
7. Catalão	10.276	4.307	3	0,1310	9,39	0,58	0,91
8. Pires do Rio	9.931	4.131	3	0,1340	9,53	0,60	0,96
9. Goiás	31.716	11.092	28	0,0820	107,66	1,83	3,40
10. Iporá	13.770	7.214	22	0,1010	63,20	2,90	3,59
11. S.L.M. Belos	19.624	2.919	8	0,1600	99,65	3,20	5,08
12. Uruaçu	23.491	2.536	3	0,1710	38,01	1,02	1,62
13. Porangatu	20.763	2.571	8	0,1700	78,28	2,38	3,77
14. Jataí	22.666	4.699	9	0,1300	57,85	1,61	2,55
15. Rio Verde	28.063	10.246	14	0,0900	59,51	1,34	2,12
16. Campos Belos	11.233	2.908	4	0,1600	27,88	1,56	2,48
17. Alto Paraíso	12.430	3.181	1	0,1530	4,99	0,25	0,40
18. Dianópolis	8.748	2.159	2	0,1900	11,85	,86	1,35
19. Gurupi	13.625	2.748	7	0,1600	51,85	2,40	3,81
TOTAL	528.193	131.832	246	0,1477	1542	1,80	2,85

flexos tendinosos profundos, nenhuma perda de sensibilidade, uma perna ou um braço menor ou mais curto que o outro ou ambas as extremidades atrofiadas, quadro clínico sem progressão nos meses e nos anos subsequentes.

De cada portador de seqüelas, a enfermeira preenchia uma ficha contendo nome e número da microrregião, município, localidade, nome e endereço da escola, nome do aluno, idade ou data do nascimento, onde e quando

adoeceu e a localização da lesão. De cada escola visitada, a diretora preenchia uma outra ficha contendo, além dos dados de identificação, o número total de alunos examinados e a idade dos mesmos.

A fim de se compararem os dados encontrados, foram levantadas as ocorrências de internações por poliomielite no Hospital Osvaldo Cruz (Tabela 4) e o número total de casos notificados pela Secretaria de Saúde, entre 1969 e 1976 (Tabela 7).

* 0,631 ou $100 - 63,1 = 36,90$ (16,90% de óbito e 20,00% de casos recuperados sem seqüelas). (1)

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

III - RESULTADOS:

Foram encontrados 352 escolares com seqüelas de poliomielite, que contraíram a doença dentro da área de estudo e 23 casos de outros estados: 5 de Mato Grosso, 5 de Minas Gerais, 4 do Distrito Federal, 3 da Bahia, 2 de São Paulo, 1 de Pernambuco, 1 do Pará, 1 do Rio Grande do Norte e 1 de Rondônia. Também foram detectados 30 escolares com dificuldades motoras não causadas pela poliomielite.

Conforme Tabela 1, foram investigados 133 municípios (72,00%) e examinados 202.110 alunos, dos quais, 131.832 entre 6 e 11 anos, em 497 escolas (9,49%) e ainda, 70.278 alunos com idades acima de 11 anos.

Segundo Tabela 3, foram encontrados 246 casos de escolares com seqüelas, entre 6 e 11 anos. A maior concentração foi na faixa etária de 10 a 11 anos, com 143 casos (58,13%), seguida da de 8 a 9 anos com 74 casos

(30,08) e da de 6 a 7 anos com 29 casos (11,79%). Foram estimadas, também: uma ocorrência de 1452 casos de Pólio, entre 1969 e 1974; uma prevalência de seqüelas de 1,80/1000, uma prevalência de 7,2/100.000 e uma incidência de 2,85/1000.

Dentre os escolares acima de 11 anos, 106 eram portadores de seqüelas de Pólio (1,51%), sendo que, 38 (35,85%) adoeceram entre 1969 e 1974: 29 (27,36%) entre 1969/70; 6 (5,66%) entre 1971/72 e 3 (2,83%) entre 1973/74.

Localização das seqüelas nos casos observados: membros inferiores: 271 (76,99%); membros superiores: 11 (3,12%) e em ambos os membros: 70 (19,89%).

Dados das internações da poliomielite no H.O.C., no período 1969/76:

Na Tabela 4, referente às internações, estão excluídas 11 que não

TABELA 3 - Valores estimados da Prevalência de seqüelas e Incidência de poliomielite em escolares, segundo 3 faixas etárias e respectivos componentes do delineamento amostral realizado no 2º Semestre de 1980. Goiás - Brasil.

Faixas etárias	Sub-popul.	Amostra	Casos observ.	Expan-		Preval./1000 ± SD	Incid./1000 ± SD
				são 1	são 2		
6-7	180.070	29.070	29	210	333	1,06 ± 1,07	1,68 ± 1,70
8-9	171.580	52.149	74	198	345	1,25 ± 0,07	2,01 ± 1,14
10-11	175.845	50.613	143	544	863	3,10 ± 1,90	4,87 ± 3,03
TOTAIS	528.193	131.832	246	952	1.542	1,80 ± 0,92	2,85 ± 1,43

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

TABELA 4 - Procedência geográfica-administrativa dos casos de Paralisia Infantil, internados no Hospital Oswaldo Cruz, no período de 1969/1976 - Goiânia - Goiás

MICROR-REGIÃO	1969		1970		1971		1972		1973		1974		1975		1976		TOTAL	
	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos	casos	óbitos
1. Goiânia	18	2	68	13	48	13	44	4	25	6	16	1	114	21	26	1	359	61
1.1 Metropolitana	5	-	25	4	24	4	19	2	14	1	7	2	37	7	19	2	50	20
2. Entorno	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
3. Anápolis	4	1	7	1	10	1	15	1	7	1	8	1	30	6	11	3	92	16
4. Ceres	9	-	25	2	11	6	6	-	8	1	7	2	25	7	35	10	126	21
5. Morrinhos	8	1	3	1	14	4	3	1	8	1	3	1	15	4	4	4	58	13
6. Itumbiara	4	-	3	1	2	1	4	1	6	1	2	-	18	6	6	3	45	12
7. Catalão	2	-	4	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	4	-
8. Pires do Rio	1	-	4	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	10	1
9. Goiás	2	-	2	1	28	2	13	1	14	1	17	6	27	5	21	3	124	19
10. Iporá	1	-	1	-	-	-	-	-	3	-	4	1	6	1	3	1	23	5
11. S.L. Montes Belos	3	-	13	4	8	1	9	1	5	2	5	1	17	2	24	1	84	10
12. Uruaçu	1	-	4	1	5	2	5	-	8	2	2	-	9	5	5	-	36	10
13. Porangatú	1	-	2	2	5	-	-	-	1	-	2	-	11	1	10	2	32	4
14. Jataí	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	2	1	6	2
15. Rio Verde	-	-	3	-	6	1	6	1	2	-	-	-	19	4	16	2	52	8
16. Campos Belos	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	2	2	3	2
17. A. Paraisópolis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	1	1
18. Dianópolis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
19. Gurupi	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2	-	6	-
TOTAL	60	5	161	29	164	29	131	12	101	15	74	14	335	69	187	32	1213	205

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

faziam parte da área de estudo (Porto Nacional 3 e Araguaína 8) e 25 de outros estados: 11 de Mato Grosso, 9 de Minas Gerais, 3 do Distrito Federal, 1 da Bahia e 1 do Pará.

Condições de alta:

205 (16,90%) faleceram; 850 (70,07%) saíram com seqüelas e 85 (7,01%) sem seqüelas, 73 (6,02%) não tinham relatos.

Procedência dos casos internados:

Da área Urbana: 428 (35,28%); da área Rural: 490 (40,40%) sendo que: 210 (17,31%) de Fazendas e 280 (23,08%) de pequenos lugarejos e 295 casos (24,32%) desconhecida.

Localização das lesões em 1.073 (88,46%) dos casos internados:

1 - Sem comprometimento aparente da musculatura respiratória - 999 (82,36%) sendo: paraplegia 392 (32,32%), tetraplegia 174 (14,34%), monoplegia do membro inferior 232 (19,13%), monoplegia do membro superior 45 (3,71), paraplegia + monoplegia do membro superior 94 (7,75%) e hemiplegia 62 (5,11%).

2 - Com comprometimento da musculatura respiratória: 59 (4,86%):

- Espinhal alta - apenas comprometimento aparente da musculatura respiratória 39 (3,21%), tetraplegia 24

(1,98%), paraplegia 10 (0,82%) e hemiplegia 5 (0,41%):

- Espinobulbar - com comprometimento das musculaturas respiratória e de deglutição ou da fonação 20 (1,65%); tetraplegia 8 (0,66%), paraplegia 7 (0,58%), hemiplegia 4 (0,33%) e diplegia do membro superior 1 (0,08%).

3 - Polioencefalite e encefalite

- apenas os casos que, além do comprometimento primário do encéfalo, apresentaram paralisias periféricas durante a internação - 15 (1,24%).

Sexo dos pacientes internados no H.O.C. (1969-1976) e dos escolares observados com seqüelas de poliomielite:

TABELA 5 - Distribuição freqüencial, segundo o sexo dos internados no H.O.C., e dos casos de escolares portadores de seqüelas de poliomielite.

	Masculino	Feminino
escolares	180 (51,00%)	172 (49,00%)
pacientes internados	597 (49,22%)	616 (50,78%)

P > 0,05

Dentre os 352 escolares observados na pesquisa 82 foram atendidos no H.O.C., mas somente 56 dentre os 1.213 internados no período 1969/76.

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

Idades de ataque da poliomielite:

TABELA 6 - Distribuição das freqüências acumuladas, por idades, dos valores encontrados entre os pacientes internados no Hospital Osvaldo Cruz, no período 1969/76 e os valores observados na pesquisa de seqüelas em escolares, no segundo semestre de 1980.

IDADES (meses)	Pacientes internados			Escolares		
	Nº casos	(%)	(%) acumul.	Nº casos	(%)	(%) acumul.
0-12	325	(26,79)	(26,79)	116	(32,95)	(32,95)
12-24	446	(36,77)	(63,56)	136	(38,64)	(71,59)
24-36	218	(17,97)	(81,53)	61	(17,33)	(88,92)
36-48	84	(6,92)	(88,45)	17	(4,83)	(93,75)
48-50	6	(5,03)	(93,98)	6	(1,70)	(95,45)
60+	79	(6,52)	(100,00)	16	(4,55)	(100,00)

Médias das idades: 20,6m para os casos internados no H.O.C., e 16,1m entre os escolares observados com seqüelas de Pólio. Portanto, ambos situaram-se na classe 12-24 meses.

TABELA 7 - Número de casos de poliomielite notificados pela Secretaria de Saúde de Goiás, no período 1969/76 e respectivas prevalências estimadas.

Anos	Nº de Casos	População *	Prevalência
1969	98	2.396.473	4,08
1970	190	2.497.875	7,60
1971	168	2.506.816	6,54
1972	140	2.637.660	5,30
1973	114	2.710.459	4,20
1974	78	2.785.268	2,80
1975	411	2.862.141	14,35
1976	191	2.941.136	6,49

Média das Prevalências 6,49

* Corresponde a 85,00% da população do Estado de Goiás, no período de estudo.

Em todo Estado foram notificados 1401 casos, no período de 1969/76, sendo que 11 ocorreram fora da área de estudo.

IV. CONSIDERAÇÕES

Não houve proporcionalidade rigorosa entre a densidade demográfica e os valores observados de incidência e prevalência.

As maiores prevalências situaram-se na faixa etária de 10 a 11 anos, o que leva a supor que nos últimos anos, anteriores à pesquisa, houve uma melhor distribuição de vacina, nas áreas pesquisadas, perturbando a dinâmica natural da doença (valor esperado).

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

A prevalência global de seqüelas, em função das microrregiões pesquisadas, foi estimada em 1,80/1000.

As prevalências médias, no período de 1969 a 1976, segundo o número de casos notificados oficialmente e os valores encontrados na pesquisa são aproximados: 6,49 e 7,20/100.000 habitantes.

A amostra estabelecida, nem sempre, foi completada, provavelmente, pelo baixo número de escolas visitadas nas microrregiões 3, 11, 12 e 13, mas, globalmente, superou a estabelecida, em aproximadamente 5%.

A prioridade de matrícula na rede Estadual de Ensino, para crianças acima de 6 anos, prejudicou a amostra estabelecida para a faixa etária de 6 a 7 anos, o que se constata pelo valor chamado de d.p. em relação à média (1,06 ± 1,07).

As informações sobre o local e o ano em que adoeceu, nem sempre foram fidedignas. Comprovou-se que 13 haviam sofrido o acometimento parálitico com idades superiores e 20 com idades inferiores às relatadas.

Dos que atribuíram idades inferiores, 11 erraram por até um ano e 2 por até 2 anos. Dos que atribuíram idades superiores, 15 erraram por até um ano e 5 por até 2 anos.

Um escolar que adoeceu em Goiatuba, disse ter sido acometido no Rio de Janeiro e dois outros confundiram a área rural de Goiânia com as dos municípios de Trindade e Aragoiânia.

As idades e os locais do acometimento foram corrigidos durante a se-

gunda entrevista da enfermeira ou pelos arquivos do H.O.C.

Quanto ao sexo e a idade houve proporcionalidade entre os valores dos casos internados e os valores encontrados nos escolares com seqüelas. Em ambos, houve uma correlação negativa quanto à faixa etária: 0,90 para os dados do Hospital e 0,95 para os da pesquisa.

A notificação de 87,27% produzida por uma só fonte (H.O.C.) demonstra sua importância de sentinela epidemiológica, bem como a inexistência de uma Rede de Vigilância Epidemiológica consistente.

Dos valores observados (encontrados) esperava-se que 87,27% do total dos casos de escolares com seqüelas, em média, tivessem sido internados no H.O.C. No entanto, encontrou-se apenas, em média, 22,76%. Dessa contradição, resta considerar que o número de casos ocorridos teria sido de 5.330 e não 1.390, conforme o notificado. Portanto, a prevalência média deveria ter sido de 24,90/100.000, isto é, quase 4 vezes maior do que 6,49.

V. CONCLUSÃO:

A comparação dos dados obtidos na pesquisa, para o período 1969/76, com os dados fornecidos pelo H.O.C., quer em termos de identificação dos que tinham sido internados no referido hospital (reencontro) quer nos percentuais, levam à seguinte conclusão:

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parálitica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

Houve, no período em apreço, para a faixa etária de 6 a 11 anos, uma elevada taxa de subnotificação dos casos de poliomielite em Goiás.

SUMMARY

Estimated prevalence of paralytic poliomyelitis in Goiás, in the period 1969/76. Research of lameness among scholars aged between 6 to 11 years. Second semester, 1980.

In order to evaluate the impact of the massive vaccination against poliomyelitis which started in 1980, it was necessary to know the disease incidence in the previous years. Yet, the official reports referring of 1979 to 1975, published by FIBGE and those admitted by FSESP were not in accordance. Therefore, to work out, the divergency, a research on poliomyelitis lameness in students age between 6 to 11 years (divided in age groups of those born in 1973/74, 1971/72 and 1969/70) was proposed. In the State of Goiás, the survey was done by nurses, comprising 85% of the population and 70% of the total State area. A population of 202.110 students were enrolled: 131.832 aged 6 to 11 years, with an incidence of 246 lame children (29 aged 6 to 7, 74 aged 8 to 9 and 143 aged 10 to 11 years) and 70.274 aged over 11 years, with an incidence of 106 lame children. Expanding this observed values between children aged 6 to 11 years, it was estimated an incidence of 1.542 cases, the mean prevalence of

7,2 per 100.000, a prevalence of lameness of 1,82 per 1000 and an incidence of 2,85 per 1000 of the examined sample. In the same period, from 1969 to 1976, 1.390 cases were officially reported in the studied area, with the mean prevalence of 6,49 per 100.000. It was evident that 1.213 notified cases (87,27%) were in Hospital Osvaldo Cruz of Goiânia. The observed values suggest the accuracy of the official rates. Nevertheless, comparing the names of the lameness students with the list of hospital cases, it was clear that only 56 (22,76%) of the were observed students in Hospital Osvaldo Cruz. Therefore, a possible hypothesis would be that an undernotification of almost 4 times happened which means instead of 1.390 lame children 5.330 cases occurred with a mean prevalence of 24,4 per 100.000

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LASSEN, H.C.A. (1955) Traitment des troubles respiratoires et de la paralysie bulbaire dans la poliomyelite cité pour DEBRÉ, R. et THIEFFRY in la poliomyelite, Genève, (Organisation Mondiale de la Santé). Serie Monographies n° 26.113.
2. NICHOLAS, D.D.; KRATZER, J.H.; OFOSU-AMAAH, S. and BELCHER, D.W. Is poliomyelitis a serious problem in developing countries? The Danfa experience. British Medical Journal, 1:1009-1012, 1977.
3. OFOSU-AMAAH, S.; KRATZER, J.H. and NICHOLAS, D.D. Is poliomyelitis a serious problem in developing countries? Lameness in Ghanaian

SCHMIDT, S.; JESUS, H. M. de; CALIL, F. & DOMINGUES, M. H. M. S. Estimativa da prevalência de poliomielite parafítica em Goiás, no período de 1969 a 1976. Pesquisa de seqüelas em escolares de 6 a 11 anos. 2º semestre de 1980. Rev. Pat. Trop., 19(1):1-12, jan./jun. 1990.

- school. British Medical Journal. 1:1012-1014, 1977.
4. RISI, Jr.: J.B. Poliomielite no Brasil. Documento Técnico do Ministério da Saúde - Sec. Nac. de Ações Básicas de Saúde, 1980.
 5. SABIN, A B. Estimativa da magnitude do Programa da Poliomielite parafítica no Brasil, 1969-1976. Documento Técnico enviado pelo autor. de 1980. publicado no Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, 50(1-2):35-7, jan./fev., 1981 e republicado na Rev. FESP 27(1):1982.
 6. SNEDECOR, George W.; COCHRAN, William G. Statistical Methods. Sixth edition. In Iowa State University Press Amer. IOWA. USA. 1967.